

# Como os Sócios Impactam a Sobrevivência de Empresas no Brasil?

MARIANA APARECIDA DE OLIVEIRA HAASE (\*)  
ALAN MARQUES MIRANDA LEAL (\*\*)

## 1 Introdução

O estudo da sobrevivência de empresas permite identificar características regionais, empresariais e fatores macroeconômicos que afetam a longevidade dos empreendimentos, assim como fatores ligados ao ambiente regulatório, ao capital humano e à dinâmica competitiva, os quais têm impactos significativos na manutenção dos negócios. Deste modo, análises da capacidade de permanência das empresas no mercado podem colaborar para o desenvolvimento de estratégias empresariais e para a formulação de políticas públicas que contribuam para a sobrevivência de novos empreendimentos.

A sobrevivência de empresas é fator importante para o desenvolvimento econômico regional (GIOVANNETTI; RICCHIUTI; VELUCCHI, 2011). Empresas recém-criadas podem criar empregos e investir em novas tecnologias, desde que sobrevivam no mercado. Além destes fatores, a sobrevivência das empresas possibilita o estabelecimento de relações de longo prazo com fornecedores locais, fortalecendo a economia regional.

No Brasil, observam-se altas taxas de falha empresarial ao longo dos anos, principalmente quando tratamos de empresas jovens, com menos de cinco anos de atuação. Dados do IBGE indicam que cerca de 58% dos empreendimentos vão à falência nos primeiros cinco anos (IBGE, 2024).

O campo tem se tornado cada vez mais popular ao longo dos anos. Muitos estudos recentes abordam o tema, empregando uma grande diversidade de técnicas estatísticas (FREITAS; SALLES, 2011; HOLMES; HUNT; STONE, 2010; ARRUDA *et al.*, 2014; TUMELERO; DOS SANTOS; KUNIYOSHI, 2016; JARA-FIGUEROA *et al.*, 2018; MELO, 2020; BACKMAN; KARLSSON, 2020; AKCIGIT; BASLANDZE; LOTT, 2023).

Entretanto, métodos de Análise de Sobrevivência ainda têm sido pouco utilizados em estudos que tratam da sobrevivência de empresas. Estes métodos controlam de modo bastante rigoroso o momento da ocorrência da falha da empresa e permitem a incorporação de dados censurados (KLEIN, 2006), característica importante de dados que tratam da sobrevivência de

empresas. São, assim, métodos bastante adequados aos problemas dos dados utilizados neste estudo. Deste modo, será apresentada uma breve análise da relação entre número de sócios e a sobrevivência de empresas de médio porte dos setores de indústria, comércio e serviços no Brasil, utilizando métodos de Análise de Sobrevivência.

O número de sócios de uma empresa é uma característica importante a ser considerada na análise da sobrevivência dos empreendimentos, podendo representar um acúmulo de habilidades e experiências importantes para a manutenção dos negócios. No entanto, estudos apontam que o número de sócios envolvidos é um importante fator de risco para a sobrevivência de empresas jovens.

Arruda *et al.* (2014) indicam que quanto maior o número de sócios envolvidos, desde a criação da empresa, maior a chance de descontinuidade do empreendimento. Segundo os autores, estes resultados podem estar relacionados a uma menor capacidade de adaptação dos gestores a possíveis mudanças do mercado e à falta de alinhamen-

to dos interesses pessoais e/ou profissionais dos sócios.

Sales, Barros e Araújo Pereira (2008) apontam os problemas particulares dos sócios, a falta de clientes e o ambiente de negócios desfavorável como fatores importantes para o fechamento de empresas. Couto *et al.* (2017) apontam fatores relacionados a falta de experiência no ramo, profissionalização e conflitos com os sócios como importantes causadores do encerramento precoce das Micro e Pequenas Empresas (MPes) da cidade de Bambuí/MG.

De outro modo, Dutra e Previdelli (2005), indicam que o número de sócios pode influenciar positivamente a sobrevivência das em-

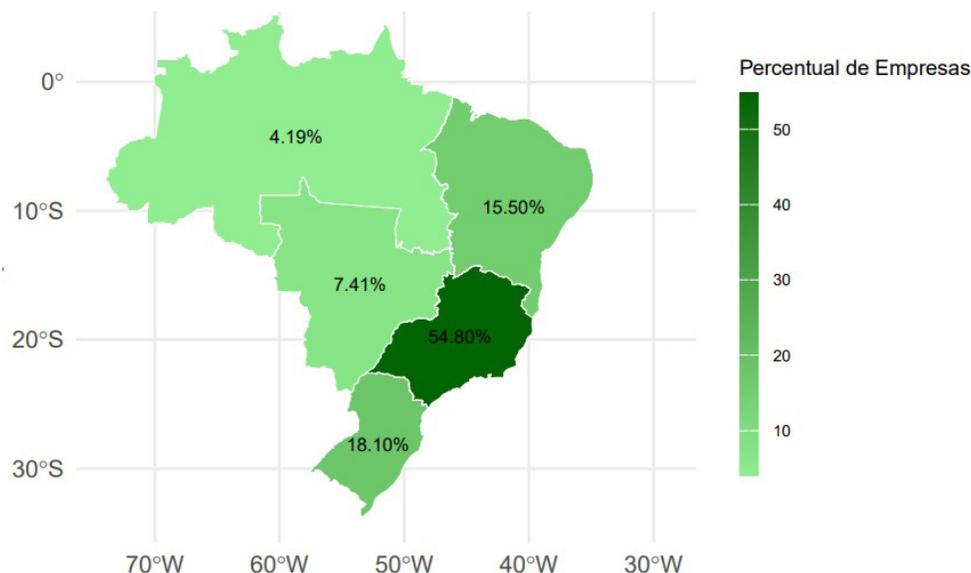
presas no Paraná. Os resultados apresentados indicam que quanto maior o número de sócios maior o tempo de permanência das empresas no mercado. A justificativa apresentada seria a de que empresas com um maior número de sócios podem ter mais disponibilidade ou maior facilidade para acessar recursos financeiros para formação de capital inicial ou capital de giro.

Ao analisar o impacto do número de sócios na longevidade dos empreendimentos, este estudo busca fornecer *insights* para gestores e formuladores de políticas públicas, contribuindo para a formulação de estratégias que maximizem a longevidade das empresas no mercado brasileiro.

## 2 Dados e Método

Este estudo utiliza dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e da Receita Federal do Brasil para seleção de uma grande amostra de empresas ativas em 2010, que serão acompanhadas até 2019. Serão estudadas 100 mil empresas que tenham cinco ou mais funcionários em 2010 e pelo menos um funcionário em todos os anos de análise. Estas empresas selecionadas na RAIS foram localizadas na base de dados abertos da Receita Federal, para obter informações como: a data de início de atividade; um identificador de matriz ou filial; a situação cadastral das empresas, o motivo da situação cadastral e o número de sócios.

Figura 1 – Percentual de Empresas da Amostra por Região



Fonte: Dados da pesquisa.

A Figura 1 ilustra a distribuição das empresas estudadas nas cinco regiões brasileiras. A maior concentração está na região Sudeste, com 54,8% das empresas, seguida pela região Nordeste, onde residem 15,5% dos empreendimentos.

Serão aplicados métodos de Análise de Sobrevida para a sobrevivência para estimar a taxa de risco de falha a que as empresas estão sujeitas. Este método difere de abordagens mais convencionais, como modelos *Logit* e *Probit*, pois modela uma linha do tempo em vez de um problema de classificação. Os métodos de Análise de Sobrevida compreendem um conjunto de modelos estatísticos cuja variável resposta é o tempo até a ocorrência do evento, neste caso, o tempo até a ocorrência da falha da empresa.

Para estimar as taxas de risco de acordo com o conjunto de variáveis explicativas utilizadas, será empregado o modelo de Riscos Proporcionais de Cox. Uma técnica semiparamétrica que analisa a relação entre

as variáveis explicativas e o tempo até a ocorrência da falha da empresa e estima o coeficiente de regressão usando o método de máxima verossimilhança parcial. O Modelo de Riscos Proporcionais de Cox pode ser escrito como:

$$h(\tau_{ij}) = h_0(t_j) \exp(\beta_1 X_{1ij} + \beta_2 X_{2ij} + \dots + \beta_k X_{kij}) \quad (1)$$

onde  $h_0(t)$  é chamado de risco de linha de base, que representa a probabilidade de “falha”, condicionada ao fato de a empresa ter sobrevivido até o tempo  $t$ .  $X_{kij}$  é um vetor de variáveis explicativas para a  $k$ -ésima empresa no tempo  $t_j$ ,  $\beta_k$  é o vetor de parâmetros desconhecidos estimado usando a função de verossimilhança parcial (GREENE, 2000). A variável dependente é a função de risco ( $h$ ) que indica a probabilidade de ocorrência do evento (fechamento da empresa) no tempo ( $t$ ).

Serão utilizadas diversas variáveis, como apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 – Variáveis Utilizadas no Modelo de Riscos Proporcionais de Cox

Variável	Descrição
Abr	Ano de abertura da empresa
Mat	Assume valor 1 se a empresa é uma matriz, 0 se filial
Simp	Assume valor 1 se a empresa optante pelo Simples Nacional
Func	Número de funcionários
Indu	Empresas do setor industrial
Come	Empresas do setor de comércio
Pib	PIB <i>per capita</i> municipal
Soci	Número de sócios da empresa

Fonte: Elaborado pela autora.

### 3 Resultados e Discussão

Os resultados do modelo são apresentados na Tabela 2. Para as variáveis *dummy*, uma razão de risco maior que um representa um efeito positivo da variável explicativa na taxa de risco, ou seja, aumenta a taxa de

risco, diminuindo a sobrevivência da empresa. Se a razão de risco for maior que um, tem-se um aumento na taxa de risco, diminuindo a sobrevivência. Para variáveis quantitativas, uma razão de risco maior que 1 indica que um aumento na variável está associado a um aumento proporcional no risco de falha; se o

coeficiente for menor que 1, um aumento na variável quantitativa indica uma diminuição proporcional no risco de falha.

*Tabela 2 – Variáveis Utilizadas no Modelo de Riscos Proporcionais de Cox*

Variável	Taxa de risco	Sobrevivência (%)
Abr	1.8211*** (2e-16)	-82,11
Mat	0.6797*** (3.4e-15)	32,03
Simp	0.9052*** (8.52e-11)	9,48
Indu	1.0134 (0.8)	-1,34
Come	1.2759*** (2e-16)	-27,59
Pib	0.6776*** (2e-16)	32,24
Soci	1.0179*** (1.19e-10)	-1,79

Fonte: Resultados do estudo.

Na Tabela 2, podemos observar a taxa de risco de falha para as variáveis de controle assim como para a variável “Soci”, a principal variável de interesse neste estudo. Pode-se notar que quanto mais jovem a empresa, quanto maior o ano de abertura (Abr), ou seja, quanto mais recente, maior a taxa de risco de falha a que ela está sujeita. Este resultado está em concordância com o que é apontado pelo IBGE (2024), e reforça uma discussão comum na literatura que trata da sobrevivência de empresas, onde são apontadas altas taxas de falha entre empresas jovens (BRUDERL; SCHUSSLER, 1990; FICHMAN; LEVINTHAL, 1991; GEROSKI; MATA; PORTUGAL, 2007; EJERMO; XIAO, 2014; SHIN *et al.*, 2017; ESTEVE-PÉREZ; SAHITI, 2019; PROKOP; HUGGINS; BRISTOW, 2019).

Ao se tratar do impacto do número de sócios na longevidade dos empreendimentos e analisar a variável

“Soc”, observa-se um impacto positivo do número de sócios na taxa de risco de falha da firma, indicando que quanto maior o número de sócios, maior a taxa de risco de falha a que as empresas estão sujeitas; logo, menor a sobrevivência. Este resultado corrobora com o que foi apontado por Arruda *et al.* (2014), que indicam que quanto maior o número de sócios, maior a chance de descontinuidade do empreendimento. Sales, Barros e Araújo Pereira (2008) e Couto *et al.* (2017) apontam problemas particulares e conflitos entre os sócios como potenciais causadores do encerramento precoce de empresas. O aumento do número de sócios pode elevar, também, as dificuldades em alinhar os objetivos e, deste modo, aumentar os conflitos e as discordâncias em momentos de decisão. Isso eleva a complexidade da gestão da empresa e pode impactar negativamente a sobrevivência do negócio.

#### 4 Considerações Finais

A análise dos impactos do número de sócios na sobrevivência de empresas brasileiras fornece contribuições importantes. No Brasil, são encontrados poucos estudos que tratam do tema. Esta pesquisa apresenta uma análise importante, que emprega um método bastante adequado ao problema, avançando o entendimento sobre os determinantes da sobrevivência empresarial. Foi utilizada uma amostra bastante relevante de empresas, que foram acompanhadas por um período de nove anos. Ao analisarmos o impacto do número de sócios na longevidade dos empreendimentos, apresentamos importantes *insights* que podem nortear as decisões de gestores, investidores e formuladores de políticas.

Os resultados apresentados apontam que um maior número de sócios pode representar um risco para a longevidade do negócio. Este fato pode estar intimamente ligado ao aumento do número de conflitos à medida que a quantidade de sócios cresce em uma empresa. Deste modo, é preciso apontar a importância do alinhamento de interesses entre os sócios e a pro-

moção de práticas que promovam a resolução de conflitos.

O presente texto não analisa duas situações que a literatura deve explorar nos próximos trabalhos sobre essa temática: (i) aspectos regionais no que tange a falências das firmas e número de sócios – é possível que haja alguma especialidade na relação dessas duas variáveis; (ii) como aspectos demográficos dos sócios afetam a sobrevivência das firmas. Essas duas questões podem esclarecer ainda mais a temática de sobrevivência das empresas e número dos sócios.

## Referências

- AKCIGIT, U.; BASLANDZE, S.; LOTTI, F. Connecting to power: political connections, innovation, and firm dynamics. **Econometrica**, v. 91, n. 2, 2023.
- ARRUDA, C. *et al.* Causas da mortalidade das startups brasileiras: como aumentar as chances de sobrevivência no mercado. Núcleo de Inovação e Empreendedorismo, Fundação Dom Cabral, 2014.
- BACKMAN, M.; KARLSSON, C. Age of managers and employees–firm survival. **The Journal of the Economics of Ageing**, v. 15, 2020.
- BRUDERL, J.; SCHUSSLER, R. Organizational mortality: the liabilities of newness and adolescence. **Administrative Science Quarterly**, v. 35, n. 3, 1990.
- COUTO, M. H. G. *et al.* Mortalidade precoce das micro e pequenas 39 empresas: estudo das principais causas de falência empresarial em Bambuí/MG. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, v. 11, n. 3, 2017.
- DUTRA, I. S.; PREVIDELLI, J. J. Fatores condicionantes da mortalidade de empresas: um estudo dos empreendedores de micro e pequenas empresas paranaenses. **Revista Capital Científico-Eletrônica (RCCe)**-ISSN 2177-4153, v. 3, n. 1, 2005.
- EJERMO, O.; XIAO, J. Entrepreneurship and survival over the business cycle: how do new technology-based firms differ? **Small Business Economics**, v. 2, 2014.
- ESTEVE-PÉREZ, S.; SAHITI, F. New firm survival in developing countries: evidence from Kosovo. **Developing Economies**, v. 57, 2019.
- FICHMAN, M.; LEVINHAL, D. A. Honey-moons and the liability of adolescence: a new perspective on duration dependence in social and organizational relationships. **Academy of Management Review**, 1991.
- FREITAS, A. D. DE; SALLES, M. T. **Análise da contribuição da incubadora para a atuação e sobrevivência de micro e pequenas empresas no mercado: o caso da incubadora de base tecnológica da Uffj**. VIII SEGeT – Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, 2011.
- GEROSKI, P. A.; MATA, J.; PORTUGAL, P. Founding conditions and the survival of new firms. **DRUID Working Paper** n. 7-11, 2007.
- GIOVANNETTI, G.; RICCHIUTI, G.; VELUCCHI, M. Size, innovation and internationalization: a survival analysis of italian firms. **Applied Economics**, v. 43, 2011.
- GREENE, W. H. **Econometric analysis**, 2000.
- HOLMES, P.; HUNT, A.; STONE, I. An analysis of new firm survival using a hazard function. **Applied Economics**, v. 42, n. 2, 2010.
- IBGE. **Estatísticas do Cadastro Central de Empresas: 2021**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101863>. Acesso em: 02 dez. 2024.
- JARA-FIGUEROA, C. *et al.* The role of industry-specific, occupation-specific, and location-specific knowledge in the growth and survival of new firms. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, v. 115, 2018.
- KLEIN, J. P.; MOESCHBERGER, M. L. **Survival analysis: techniques for censored and truncated data**. Springer Science & Business Media, 2006.
- MELO, T. I. M. F. **A inovação e o investimento na sobrevivência das empresas portuguesas**. Dissertação (Mestrado). Universidade do Porto, Faculdade de Economia, 2020.
- PROKOP, D.; HUGGINS, R.; BRISTOW, G. The survival of academic spinoff companies: an empirical study of key determinants. **International Small Business Journal: Researching Entrepreneurship**, v. 37, n. 5, 2019.
- SALES, R. L.; BARROS, A. A. de; ARAÚJO PEREIRA, C. M. M. de. Fatores condicionantes da mortalidade dos pequenos negócios em um típico município interiorano brasileiro. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, v. 2, n. 1, 2008.
- SHIN, K. *et al.* Factors affecting the survival of SMEs: a study of biotechnology firms in South Korea. **Sustainability** (Switzerland), v. 9, 2017.
- TUMELERO, C.; DOS SANTOS, S. A.; KUNIYOSHI, M. S. Sobrevivência de empresas de base tecnológica pós-incubadas: estudo sobre a ação empreendedora na mobilização e uso de recursos. **REGE - Revista de Gestão**, v. 23, n. 1, 2016.

(\*) Doutoranda pela FEA-USP.  
(E-mail: marianaolii@usp.br).

(\*\*) Economista e Doutorando em Teoria Econômica pela FEA-USP.  
(E-mail: prof@alanleal-econ.com).